

I

O homem curvou-se sobre a viola,
Uma espécie de alfaiate. O dia era verde.

Disseram, «Tens uma viola azul,
Não tocas nela as coisas como são.»

O homem replicou, «As coisas como são
Mudam na viola azul.»

E disseram então, «Mas toca, tens de tocar,
Uma melodia além de nós, mas a nós idêntica,

Uma melodia na viola azul
De coisas exactamente como são.»

II

Não consigo trazer um mundo por inteiro,
Embora o remende conforme posso.

Canto a cabeça de um herói, olhos rasgados
E bronze com barba, mas não um homem,

Embora o remende conforme posso
É quase alcance o homem através dele.

Se fazer quase uma serenata ao homem
É falhar, assim, as coisas como são,

Dizei que é a serenata
De um homem que toca uma viola azul.

III

Ah, mas o homem número um tocar,
Cravar-lhe o punhal no coração,

Pousar-lhe o cérebro na tábua
E realçar-lhe as cores acres,

Pregar-lhe na porta o pensamento,
As asas bem abertas à chuva e à neve,

Bater-lhe na vida, olé, olá,
Tocá-la, atacá-la, torná-la real,

Explodi-la de um azul selvagem
E desafinar o metal das cordas...

IV

A vida é pois assim: as coisas como são?
Dedilha o seu caminho na viola azul.

Um milhão de gente numa corda?
E todos os seus modos nessa coisa,

E todos os seus modos, certos e errados,
E todos os seus modos, fracos e fortes?

Os sentimentos loucos, engenhosos chamam,
Um zumbido de moscas no ar de Outono,

E a vida é pois assim: as coisas como são,
Este zumbido da viola azul.

V

Não nos falem da grandeza da poesia,
Das torcidas das tochas no subsolo,

Da traça das abóbadas sobre um ponto de luz.
Não há sombras no nosso sol,

O dia é desejo e a noite é sono.
Não há sombras em lugar nenhum.

A terra, para nós, é plana e nua.
Não há sombras. A poesia

Ao exceder a música, deve tomar o lugar
Do céu vazio e dos seus hinos,

Nós próprios em poesia devemos tomar-lhes o lugar,
Mesmo no arengar da tua viola.

VI

Uma melodia além de nós tal como somos,
Porém nada mudado pela viola azul;

Nós na melodia como se no espaço,
Porém nada mudado, excepto o lugar

Das coisas como são e só o lugar
Enquanto são tocadas, na viola azul,

Lugar, deste modo, além do limite da mudança,
Registado numa atmosfera final;

Por um instante final, do modo em que
Pensar a arte parece final quando

Pensar deus é orvalho em fumo.
A melodia é espaço. A viola azul

Torna-se o lugar das coisas como são,
Um arranjo de sentidos da viola.

VII

É o sol que partilha das nossas obras.
A lua de nada partilha. É um mar.

Quando virei eu a dizer do sol,
É um mar; de nada partilha;

O sol já não partilha das nossas obras
E a terra está viva com homens que rastejam,

Besouros mecânicos jamais quentes bastante?
E ficarei eu então ao sol, como agora

Fico à luz da lua e lhe chamo o bem,
O imaculado, o misericordioso bem,

Separado de nós, das coisas como são?
Não ser parte do sol? Ficar

Remoto e chamar-lhe misericordioso?
Estão frias as cordas na viola azul.

VIII

O vívido, rosado, túrgido céu,
O trovão torrencial que ressoa,

A manhã inundada ainda pela noite,
As nuvens tumultuosamente brilhantes

E o sentimento que pesa em frios acordes,
Que luta para se tornar coros apaixonados,

A gritar entre as nuvens, enraivecido
Por dourados antagonistas no ar —

Sei que o meu preguiçoso, pesado dedilhar
É como a razão na tempestade;